

## LITERATURA CONTEMPORÂNEA E SUAS TRAVESSIAS: DESAFIOS E DIÁLOGOS

Prof. Dr. Adélcio de Sousa Cruz  
Universidade Federal de Viçosa

**Resumo:** Pensar a literatura contemporânea tem sido um dos maiores desafios. Por que? Cada período passado também já foi o desafio para a crítica literária daquele momento... Duas coletâneas, uma de contos e outra de poesia, publicadas na década de 1970, serviram de marco ao que se chamava de literatura brasileira contemporânea e foram organizadas por Alfredo Bosi e Heloísa Buarque de Hollanda. Daquela década até o presente, a produção literária tem dado sinais de vitalidade e pluralidade no tocante às escolhas estético-mercadológicas. Isso mesmo, estética e mercado também se flertam e circulam, às vezes, de mãos dadas. Além da divulgação gratuita feita por meios digitais, as obras literárias no formato livro precisam ser comercializadas... Para além do mercado, no ato de produção artístico-literária em si, autore(a)s buscam as vertentes que mais lhe representariam e a crítica tem sido, às vezes, surpreendida pela impossibilidade de uma classificação, digamos, mais satisfatória. Ainda assim, esperamos contribuir apontando veios passíveis de percurso nesta travessia exploratória: a nova "literatura marginal"; a chamada "nova geração" (nomes que representaram o Brasil nas feiras literárias internacionais e têm despontado em concursos literários nacionais) e outra que se filia ao cânone literário e à "alta cultura". Ainda cabe ressaltar uma quarta via, na qual são contempladas as literaturas femininas, LGBT, afro-brasileira e indígenas. É importante notar que todas as tendências, em maior ou menor grau, ainda dialogam com outras artes e mídias. A busca por novas miradas críticas é feita justamente no ato de travessia ao percorrer tais vertentes literárias.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea; estética; crítica literária; mercado.

**Abstract:** Think contemporary literature has been a major challenge. How come? Each past period has also been the challenge for literary criticism in that moment ... Two collections, one of short stories and other due to poetry, published in the 1970s, served as a milestone in what was called contemporary Brazilian literature and they were organized by Alfredo Bosi and Heloísa Buarque de Hollanda. From that decade to the present, the literature has shown signs of vitality and plurality concerning aesthetic and marketing choices. Yes, aesthetics and market are also flirting and sometimes they operate hand in hand. Side by side the free dissemination done digitally, literary works in book form must be marketed ... In addition to the market in the artistic and literary production of the act itself, writers are seeking aspects that most represent them, and, the criticism has been occasionally surprised by the impossibility as we should call it, a more satisfying classification. Still, we hope to contribute pointing shafts likely path to this exploratory journey: the new "marginal literature"; the so-called "new generation" (names that represented Brazil in international literary fairs and have dawned on national literary competitions)

and another who belongs to the literary canon and the "high culture". It is also worth noting a fourth way in which women's literature, gay, African-Brazilian and indigenous are contemplated. It is important to note that all trends, to a greater or lesser extent, also dialogue with other arts and media. The search for new criticism glance is precisely made just in the crossing act of analyzes such literary strands.

**Keywords:** Contemporary literature; aesthetics; literary criticism; market.

Qual o papel de pesquisadore(a)s e crítico(a)s literários que, simultaneamente, atuam como professore(a)s em Instituições de Ensino Superior? Parece que, às vezes, essas atividades se confrontam e em determinados momentos quase se auto excluem. Explico-me, ou pelo menos, tento: a literatura que a crítica aclama e trabalha é uma, aquela que professore(a)s lecionam talvez seja outra, ou quem sabe, pretenda ser "literatura" com letras maiúsculas. Não estou referindo-me aos textos já consagrados, tratarei brevemente de um grupo diverso, denominado como literatura contemporânea. Ainda, sob um ponto de vista mais historicizante, este segmento seria encabeçado por autores canônicos como Ferreira Gullar, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Dalton Trevisan. Críticos literários trafegam, ou pretendem fazê-lo, no campo estrito da estética. Já professore(a)s percorrem também a trajetória do letramento literário. E neste ponto, estes últimos coincidem com autore(a)s da literatura contemporânea que se encontram em outra dimensão do processo de letramento literário com intuito de criar/adquirir leitores. O mercado editorial? Esse vai muito bem, obrigado. Principalmente no que diz respeito aos grandes grupos editoriais. Já a remuneração de autore(a)s é outra questão dolorosa, pois ficam com a menor parte, com exceção daqueles títulos que se transformam em *best sellers* e catapultam autore(a)s quase à condição de celebridades da TV ou cinema. Alguns/algumas chegam ao *status* de astros *pop*. Ah! se Adorno testemunhasse isso!

Provocações à parte, retomemos o rumo da prosa... Boa parte de professore(a)s, pesquisadore(a)s e crítico(a)s devem se recordar de duas antologias que marcaram os anos 1970, organizadas por Alfredo Bosi (contos) e por Heloisa Buarque de Hollanda (poesia). Foram reunidos nos dois livros

autores de distinta cepa literária: nomes como Rubem Fonseca, Ricardo Ramos, Guimarães Rosa e Clarice Lispector figuram na seleção de Bosi. A coletânea de Hollanda era mais ousada e, talvez, o nome mais conhecido não fosse exatamente apenas da cena literária: Wally Salomão. Vale retomar alguns apontamentos dos prefácios daquelas cruciais antologias, começando por Alfredo Bosi:

O conto cumpre ao seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase documento folclórico, ora a quase crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem.

Esse caráter plástico já desnorteou mais de um teórico da literatura ansioso por encaixar a forma-conto no interior de um quadro fixo de gêneros. (...)

Proteiforme, o conto não só consegue abraçar a temática toda do romance, como põe em jogo os princípios da composição que regem a escrita moderna. (BOSI, 1974, p. 7).

Os diversos apontamentos no trecho em destaque trazem informações preciosas a respeito do quadro desenhado pela seleção de textos e autores. O gênero conto transpõe as fronteiras a ele impostas devido às intervenções proporcionadas pelo trabalho dos autores com a própria elaboração de sua escrita, remanejando com habilidade e curiosidade ora os transtornos do cotidiano, ora a linguagem literária, sem, no entanto, afastar de todo o público leitor. O destaque no meu entender fica a cargo da tensão provocada pela estratégia de colocar em “jogo os princípios de composição que regem a linguagem moderna”; tornando-se assim o tendão de Aquiles para muitos escritores no entender de parte da teoria literária: confrontar o modo “moderno” de se criar/escrever literatura. Isto não é exatamente uma novidade se olharmos para parte da produção literária de todos os países que se tornaram independentes das antigas potências europeias no período pós II Guerra Mundial. É exatamente o movimento interno à própria escrita, feita pelo(a)s escritor(a)s, que torna a literatura dinâmica, viva se assim quisermos. Vejamos, então, agora o trecho selecionado da antologia *26 poetas hoje*:

Curiosamente, hoje, o artigo do dia é a poesia. Nos bares da moda, nas portas do teatro, nos lançamentos, livrinhos circulam e se esgotam com rapidez. Alguns são mimeografados, outros, em *offset*, mostram um trabalho gráfico sabido e diferenciado do design industrializado das grandes editoras comerciais. Mesas-redondas e artigos de imprensa discutem o acontecimento. O assunto começa – ainda que com alguma resistência – a ser ventilado nas universidades. Trata-se de um movimento literário ou de mais uma moda? (...)

Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem, que não se confunde com o antigo leitor de poesia. (...)

(...) A presença de uma linguagem informal, à primeira vista fácil, leve e engraçada e que fala da experiência vivida contribui ainda para encurtar a distância que separa o poeta e o leitor. Este, por sua vez, não se sente mais oprimido pela obrigação de ser um entendido para se aproximar da poesia. (HOLLANDA, 2007, p. 7-8).

O texto de Heloísa Buarque de Hollanda revela aspectos que não estão presentes, pelo menos explicitamente, na antologia organizada por Bosi. Aqui, temos o desvelamento de categorias de chancela do texto literário: o mercado, a imprensa, a universidade. Aponta-se também para as diferenças marcadas pelos próprios autores e lugares de circulação do texto: “bares da moda, portas de teatros”. Além disso, há a quebra de fronteira entre autore(a)s e público, praticamente sem a intermediação de editoras e livrarias – algo parecido com os dias atuais? – reforçando o caráter independente almejado pelos produtores daquela literatura. E mais surpreendente é pensar que todo esse movimento ocorreu em torno da poesia. É necessário acrescentar, como aponta a própria pesquisadora, que talvez a circulação do texto e a aproximação com o público não se daria caso não houvesse uma linguagem mais acessível, à primeira vista, e vinculada à experiência de vida tanto de escritore(a)s quanto do público, humanizando, por assim dizer, a arte e a circulação da palavra poética. Algo no entanto, pelo menos no que diz respeito ao “bloqueio sistemático das editoras”, pois as mesmas que à época “evitavam” novas vozes/escritas, agora mantêm olhos bem abertos para as “novidades”, sem, é claro, manter ainda uma dupla chave seletiva: o velho faro dirigido ao texto “vendável” no melhor estilo “autoajuda” e outro aliado aos “herdeiro(a)s” da literatura compromissada com a “alta-cultura”. Observação de mais um fator determinante sobre a nova

cena do campo literário brasileiro dos anos 1970: o mapeamento indica ainda a que grupo social pertencem ou circulam este(a)s autore(a)s.

No final década de 1980, Leila Perrone-Moisés publica *Altas literaturas* (1988), trabalho no qual procura discutir a perda de espaço dos textos literários cuja qualidade estética seria indiscutível. O medo então era provocado pela chegada da onda dos “Estudos Culturais” e dos “Estudos Pós-coloniais”. A universidade brasileira apresentava o mesmo receio da ditadura militar, nada que discutisse as estruturas de acomodação de poder, *status quo*, a “democracia racial”, etc. A conclusão do livro, no entanto, aponta como responsável pela perda de importância da “alta literatura” o recente movimento de expansão do próprio capitalismo em si, o que transformava a “cultura”, ainda mais, em mercadoria... O que os cursos de Letras continuam com dificuldade em trabalhar são as mudanças que sempre ocorrem, em maior ou menor grau, com a língua e a literatura. O livro de Perrone-Moisés ignora, por exemplo, a publicação *Cadernos Negros*, do grupo Quilombhoje, de São Paulo, que vem sendo editada ininterruptamente desde o ano de 1978, e que, talvez, continue a ser mais estudada fora do Brasil do que aqui. Sabemos quais grupos de autore(a)s produzem literatura contemporânea? Ou ainda, será que queremos realmente saber?

No ano de 2010, o crítico e pesquisador Edimilson de Almeida Pereira organizou uma coletânea de artigos – *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil* – a qual trouxe um mapeamento dos estudos sobre a poesia produzida pela literatura afro-brasileira urbana. O artigo que abre o livro – “Negociação e conflito na construção das poéticas brasileiras contemporâneas” (idem, p. 16-40) – já expõe no título algo que nossa sociedade procura negar o tempo todo: as divisões que temos no campo social também se manifestam no campo literário. Pereira, entretanto, não parte exatamente deste ponto e sim da própria crise da poesia brasileira pós-1960. Também está presente a mesma preocupação, apontada de certo modo pelo estudo de Perrone-Moisés, com o constante “espírito de ruptura e diluição” que acompanham qualquer movimento de mudança de concepção estética ou, de modo mais direto, na produção do texto literário. Ao adentrar nas questões

mais específicas do texto afro-brasileiro, faz todo um percurso conceitual desde a “Negritude” de Léopold Sédar até às questões que permeiam os impasses internos – “os sentidos de Literatura Negra e/ou Afro-brasileira” – por carregarem, em alguma instância, “duas visões essencialistas da experiência poética” (idem, p. 31). Pelo que tenho acompanhado como pesquisador e professor, o “conflito” e a “negociação” ainda continuam ativos e longe de se esgotarem... O ano passado, por exemplo, foi marcado pelos dez anos da aprovação da lei 10.639/2003 que incluiu no currículo escolar o conteúdo de literatura, história e culturas afro-brasileiras e africanas. E são poucas as escolas país afora que realmente se abriram para tais textos... Parece que não está havendo “negociação”...

A pesquisadora e professora Regina Dalcastagnè publica em 2012 um livro que trata pontualmente do conflito não declarado no que diz respeito à literatura brasileira contemporânea. Ela revela o momento em que essa literatura passa a ser um “território contestado”, tanto estética quanto editorialmente. O levantamento feito em quinze anos de pesquisa percorre o “campo literário” brasileiro contemporâneo com questões sobre a autoria – esta majoritariamente masculina e branca – as escolhas estéticas feitas por autores, bem como os mecanismos de chancela da crítica. A pesquisadora questiona, convidando-nos a um exercício de reflexão, a visualizarmos uma “imagem” que “normalmente” *não* é feita de um(a) escritor(a):

(...) a entrada em cena de autores ou autoras que destoam desse perfil causa desconforto quase imediato. Pensem no senhor que conserta sua geladeira, no rapaz que corta seu cabelo, na sua empregada doméstica – pessoas que certamente têm muitas histórias para contar. Agora, colem o retrato deles na orelha de um livro, coloquem seus nomes em uma bela capa, pensem neles como escritores. A imagem não combina, simplesmente, porque não é esse o retrato que estamos acostumados a ver, não é esse o retrato que eles estão acostumados a ver, não é esse o retrato que muitos defensores da Língua e da Literatura (tudo com L maiúsculo, é claro) querem ver. Afinal, nos dizem eles, essas pessoas têm pouca educação formal, pouco domínio da língua portuguesa, pouca experiência de leitura, pouco tempo para se dedicar à escrita. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 8).

Choque de leitura... e a argumentação não se fixa neste quadro-exercício. O texto de Dalcastagnè indaga como lidar criticamente com os textos produzidos por esta “nova autoria”. Há possibilidade de tratar tais textos sob a perspectiva teórica existente ou devem ser criados novos conceitos para sua análise? Também são tratados obstáculos que qualquer pesquisador que decida trabalhar com tais textos irá encontrar: recusa por parte da academia; longas argumentações e “justificativas” sobre o “por quê” da escolha deste objeto. Dentre seus apontamentos há um que pode ser levado a cabo de modo mais imediato: estudar a “nova” produção contemporânea de modo comparativo, sem isolá-la do corpo da literatura brasileira. Nesse ponto, sua proposição se assemelha àquela feita por Edimilson de Almeida Pereira sobre o perigo de “isolamento” de parte da produção de escritores contemporâneos em determinados “espaços” teóricos. Contudo, ambos parecem reconhecer a enorme dificuldade de trazer tais textos para o palco “principal” da crítica.

A crítica literária e pesquisadora Flora Sussekind (2013) publica um ensaio intitulado “Objetos verbais não identificados – experimentos literários de difícil classificação”, retomando Christophe Hanna, que revela a dificuldade de ser enfrentada por estudiosos em relação à complexidade apresentada por textos denominados “objetos verbais”. Nesta expressão já está evidente a recusa em reconhecer a produção contemporânea como “literária”. O que está difícil de perceber na realidade é a perda de poder, não da literatura, mas justamente da crítica especializada. A liberdade de ação de autore(a)s está provocando tensões, antes não tão constantes, no texto literário, como, por exemplo, o que já denominei de “literatura ruidosa” (CRUZ,2011), a qual se refere mais especificamente tanto à representação da violência urbana quanto de matrizes culturais afro-brasileiras. Sussekind traz à tona do debate o termo “formas corais”, na tentativa de abarcar a variedade e complexidade de obras nas quais “se cruzam falas, ruídos e gêneros diversos” e que, de acordo com ela, se filiam à “linhagem instabilizadora da literatura brasileira”, pois dialoga/conecta-se com outros sistemas semióticos como a recente produção cinematográfica, o teatro e artes plásticas. Curioso é perceber o “balanço” que seu texto faz das leituras de Regina Dalcastagnè e de um artigo de Leyla

Perrone-Moisés – este último publicado em março de 2012: há uma insatisfação tanto em relação à análise feita por Dalcastagnè, relativa aos “novos” autore(a)s e seus textos, quanto ao conceito “literatura exigente” criado por Perrone-Moisés. Outro dado que destaque é o fato de Sussekind reconhecer uma “escrita vocal” no trabalho de Bernardo de Carvalho, sem considerar/mencionar que isto, por exemplo, já ocorre na literatura afro-brasileira e na literatura indígena.

Encerro esta breve intervenção tentando alinhavar os retalhos para que a colcha crítica ganhe mais alguns contornos de visibilidade. Esta concisa travessia de leituras intenta contribuir para tornar visíveis outras travessias: os caminhos percorridos tanto pela autoria literária quanto pela crítica. Veredas que se cruzam... ora correm paralelas como rios separados por faixas de terras não muito extensas; ora se mesclam no torvelinho de corredeiras criados pela própria temporalidade de nossos dias; ora são represadas, momentaneamente, sob o signo da dúvida sobre uma “falta de qualidade estética”; ora se encontram nas estantes opostas, tanto de bibliotecas quanto das livrarias; ora mergulham no coro de vozes virtuais em sites na internet. A literatura tem sobrevivido da sua diversidade de travessias percorridas por escritore(a)s e leitore(a)s (especialistas ou não), muito embora as escolas continuem tentando homogeneizar tanto o primeiro grupo quanto o segundo. Para que lugar esta breve travessia aponta? Provavelmente, assinala a próxima e não fortuita pergunta...

## **Referências**

BOSI, Alfredo. Introdução. In: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 7-13.

CRUZ, Adécio de Sousa. *Narrativas contemporâneas da violência*: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. Pluralidade e escrita. In: *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012. p.7-16.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Introdução. In: *26 poetas hoje: antologia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. p.9-14.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negociação e conflito na construção de poéticas brasileiras contemporâneas. In: *Um tigre na floresta de signos – estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p.15-40.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A literatura exigente: os textos que não dão moleza ao leitor. In: *Folha de São Paulo – Ilustríssima*, 25 de março de 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/33216-a-literatura-exigente.shtml>. Acesso em: 30/03/2012.

SUSSEKIND, Flora. Objetos verbais não identificados: experimentos literários de difícil classificação. In: *O Globo – Cultura – Caderno Prosa*. 21 de setembro de 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/09/21/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.asp>. Acesso em: 30/10/2013.